

A FELICIDADE EM BOÉCIO E HADOT: APROXIMAÇÕES PARA UMA FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA

Leonildo Fiumari Neto
Marcio Bogaz Trevizan
João Alberto Mendonça Silva¹

RESUMO

Este artigo se propõe investigar os conceitos de felicidade em Boécio e em Pierre Hadot mostrando, ao final, os pontos de convergência entre as duas visões. Percebeu-se que estes filósofos mostram que é possível haver felicidade na vida e que a mesma pode ser encontrada na vivência cotidiana. Boécio, após ser preso injustamente, cai no esquecimento das coisas que a vida havia lhe proporcionado, mas com a ajuda da Filosofia, vista por ele como uma dama que vai ao seu encontro, consegue perceber onde está a verdadeira felicidade: na transformação da teoria filosófica em prática. Pierre Hadot mostra a possibilidade de se conquistar a felicidade também por meio do cotidiano da vida; ele vive de maneira intensa todos os momentos dela, conquistando sentimentos e experiências que jamais havia passado em momento algum. Hadot enxerga a Filosofia como algo primordial para a sua vivência cotidiana; é graças a ela que pôde experimentar diversos sentimentos ao longo de sua vida, dos quais ele dá o nome de “Sentimento Oceânico”. Conclui-se que a felicidade não depende dos outros, ou dos próximos, mas do sujeito mesmo. Se a Filosofia for a grande “mestra” que conduz à reflexão sobre uma vida feliz, tudo ficará mais simples de compreender e colocar em prática na vivência cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade. Bem supremo. Sentimento Oceânico. Cotidiano

ABSTRACT

This article proposes to investigate the concepts of happiness in Boethius and Pierre Hadot showing, in the end, the points of convergence between the two visions. It was realized that these philosophers show that it is possible to have happiness in life and that it can be found in daily life. Boethius, after being unjustly imprisoned, falls into oblivion of the things that life has given him, but with the help of Philosophy, seen by him as a lady who goes to meet him, he can perceive where is true happiness: in the transformation of theory philosophy in practice. Pierre Hadot shows the possibility of conquering happiness also through the daily life; he lives intensely all her moments, conquering feelings and experiences that had never happened in any moment. Hadot sees Philosophy as something primordial for his daily life; it is thanks to her that he has been able to experience various feelings throughout his life, which he calls "Oceanic Feeling". It concludes that happiness does not depend on others, or the next, but the subject itself. If Philosophy is the great "teacher" that leads to reflection on a happy life, everything will be simpler to understand and put into practice in daily life.

KEYWORDS: Happiness. Supreme good. Oceanic Feeling. Dail

¹ Leonildo Fiumari Neto, Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco.
Marcio Bogaz Trevizan, Doutorando em Filosofia pela Universidad Catolica Argentina (UCA).
João Alberto Mendonça Silva, Mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é apresentar algumas características acerca da origem da felicidade e sua natureza segundo os filósofos Severino Boécio e Pierre Hadot. Esta, encontrada por Boécio em uma experiência vivida na prisão, será trabalhada de acordo com sua obra “A Consolação da Filosofia”. Para tanto, nos valeremos dos argumentos escritos por Boécio para definir essa temática. Usaremos do método bibliográfico e documental para a exploração desse assunto que este autor definiu como algo fundamental para todo ser humano. Como referencial teórico, adotamos as contribuições de SANGALLI 2014; COELHO 2009 e de NASCIMENTO 2016. Trabalhando a visão de Pierre Hadot, esse filósofo nos mostra como a felicidade acontece em nossa vida e em nosso cotidiano. O tema tratado por ele é encontrado em diversas obras de sua própria autoria; para trabalhar a felicidade, segundo a perspectiva hadotiana, utilizaremos de sua obra “Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga”, somando-se às contribuições de STEPHAN 2015 e HOFFMANN 2016.

Pierre Hadot também nos apresenta as possibilidades de uma vida feliz. Em seus escritos podemos encontrar fragmentos que nos proporcionam um entendimento mais claro de como isso acontece e como devemos lidar com essas situações. Como experiência própria vivida pelo filósofo, podemos tomar como exemplo as experiências que o próprio autor descreve. Esses acontecimentos nos são apresentados como “Sentimento Oceânico”, assunto que desenvolveremos no momento oportuno.

A felicidade é algo possível de ser encontrada na vida das pessoas, basta apenas perceber a sua existência em cada um de nós. Boécio nos mostra, com a ajuda da Filosofia, que para sermos felizes temos que saber viver corretamente e de acordo com todos os momentos a que somos submetidos. Hadot também nos diz que a felicidade verdadeira pode ser encontrada facilmente em todos os momentos da nossa vida: nas situações cotidianas, nos momentos vividos e nas experiências que podemos receber ao longo de tudo o que fazemos e praticamos. Dessa forma, é de extrema importância unir visões que tragam a Filosofia para perto da vida, demonstrando que tanto na Antiguidade quanto na contemporaneidade pensar a Filosofia como um “modo de vida”, algo que impacta de verdade na vida da pessoa humana, é algo necessário para reaproximar esta disciplina do seu papel enquanto facilitadora no processo de alcançarmos nosso fim último, qual seja, a felicidade.

A FELICIDADE EM BOÉCIO

Severino Boécio foi acusado de traição pelo governo bárbaro que havia ocupado o Império Romano da época, resultando em sua prisão. É neste cenário, dentro de uma prisão, esperando por sua morte que Boécio escreve “A Consolação da Filosofia”, obra de estilo literário alternando verso e prosa, desenvolvendo-se pelos cinco livros que compõem a mesma.

Boécio inicia sua obra mostrando onde a felicidade não está. Para isso, utiliza de exemplos do nosso dia a dia, como sentimentos e ações do nosso cotidiano, como coisas exteriores que não possuem felicidade; tais coisas apenas proporcionam momentos felizes, porém não uma verdadeira felicidade em sentido pleno. Quando falamos em felicidade a primeira definição que nos vem em mente pode se relacionar com possuir bens materiais, status, dinheiro, fama e ser reconhecido por algo realizado. Sempre queremos depositar a felicidade em situações externas vividas ou sentimentos que possuímos. Porém, segundo Boécio, a felicidade não está em nenhuma dessas situações. A felicidade, para ele, vai além de todas essas coisas.

O poder político não é suficiente para levar à felicidade e é incapaz de conservar a si mesmo. Um político, por mais forte que pareça, percebe a sua condição e sabe o risco que está correndo. Vive preocupado e com medo. Para conseguir viver em segurança, sua única saída é estar rodeado de guardas. Portanto, ele não pode realizar o que deseja por si, sempre vai precisar do auxílio de outros. Torna-se dependente e com poderes relativos, isto é, menos poderoso do que parecia. Seu poder está relacionado com a opinião de decisão em conjunto com outras pessoas.

Segundo os comentadores de Boécio, a felicidade pode ser entendida pela busca que o filósofo fez em compreender em que consistia essa teoria. Severino Boécio percebe onde não está a felicidade, mas com o encontro que teve com a sua “mestra”, foi possível uma melhor compreensão sobre onde está a verdadeira felicidade que a Filosofia poderia levá-lo. Podemos observar a discussão sobre essas questões em todo o decorrer do livro III da obra “A Consolação da Filosofia”. Nas palavras de Coelho:

A Filosofia, mestra de Boécio, pretende levá-lo ao reconhecimento da verdadeira felicidade. De fato: todos os mortais, indistintamente, buscam ser felizes. Todas as ações humanas são voltadas e direcionadas para este fim, e independentemente de quaisquer atitudes que o homem venha a tomar, seu objetivo nada mais é que a busca da felicidade. (COELHO, 2019, p.50).

Sendo assim, Boécio consegue reconhecer onde não se encontra a verdadeira felicidade, graças a sua mestra, a Filosofia. Todo reconhecimento dos falsos bens serviu para que ele melhor pudesse estruturar-se na busca da autêntica felicidade, pois “Os mortais têm todos uma única preocupação pela qual não medem esforços; seja qual for o caminho tomado, o objetivo é sempre o mesmo: a felicidade” (BOÉCIO, 1998, p.55).

A Filosofia é uma personagem da obra que aparece em forma de uma bela dama. Segundo Boécio, essa dama o visita diariamente mantendo certo diálogo. É somente a Filosofia que consegue consolar Boécio mediante as tantas situações que fora submetido. Em meios os sofrimentos e angústia trazidos pela prisão, a Filosofia consegue trazer a consolação a este homem que, já tendo a plena certeza, espera pela sua própria morte.

Boécio nos mostra a importância de estarmos próximos da Filosofia, pois somente ela tem a capacidade de nos mostrar onde está a verdadeira felicidade. Podemos ser conduzidos por ela de maneira mais profunda quando se trata de nos libertarmos de um sentimento de prisão, ou até mesmo, em alguns casos, quando nos encontramos presos em sentimentos que não nos proporcionam experiências de felicidade, como atesta Nascimento:

Desta maneira, entre prosas e versos, a obra de Boécio vem a ser um convite para que todos possam se aproximar da filosofia, a qual é a única capaz de libertar o prisioneiro, fazendo-o reconhecer o verdadeiro fim do ser humano. Através da reflexão, o prisioneiro é levado a compreender o valor da condução da vida prática, indo ao encontro da compreensão do que seja a verdadeira felicidade humana, questão esta que também tem destaque em sua obra. (NASCIMENTO, 2016, p.70).

Nesta obra, segundo a Filosofia, Deus é o princípio de todas as coisas, na qual não podemos conhecer nada melhor; possui Ele o bem perfeito presente em si. Se outro algo possuísse o bem supremo e fosse anterior a Ele, este sim é que seria Deus. É preciso admitir, portanto, que o Deus soberano contém o perfeito e soberano bem. O bem perfeito, com a ausência de males, é a felicidade, tendo em vista que nenhum mal pode atingi-lo. Sendo assim, a verdadeira felicidade reside em Deus. Portanto, Deus não receberia a felicidade do exterior, haja vista que a mesma está contida nele. “Deus é a felicidade”, firma a Filosofia:

Mas havíamos também admitido que quando se deseja alguma coisa é em vista da felicidade que ela propicia, e também que todas as pessoas buscam apenas a felicidade. Do que foi dito, conclui-se claramente que o bem e a felicidade propriamente ditos têm uma só substância. “Não vejo como negar”, disse eu. “Mas havíamos também demonstrado que Deus e a verdadeira felicidade são uma só e mesma coisa.” “Sim”, respondi. “Podemos então concluir, sem medo de estar enganados, que o soberano bem reside apenas em Deus, excluindo-se tudo o mais.” (BOÉCIO, 1998, p.81).

Com relação à prisão que Boécio foi submetido, faz um relato sobre a injustiça cometida contra ele. Após fazer os apontamentos sobre sua injusta condenação, trata a Filosofia como “A Sabedoria”. Esse título que a Filosofia recebe faz referência a tudo que ela pode nos ajudar e apresentar como solução aos problemas que adquirimos ao longo de nossa história. Esse filósofo confia inteiramente na filosofia como uma grande mestra que, a qualquer momento, está pronta para ajudar na solução dos problemas que as pessoas adquirem no decorrer de sua vida. Portanto, a Filosofia recebe esse título por ele como uma maneira de tratá-la com o extremo respeito que dignamente ela deve receber. Nas palavras de Boécio, temos:

Tu bem compreendes, ó Sabedoria, que digo a verdade e não tenho por hábito jactar-me na frente dos outros. Com efeito, uma consciência, quando se vangloria muito de si mesma, diminui cada vez mais o seu mérito e recebe em troca só o prêmio da fama. Mas viste para onde levou a minha inocência? Em lugar de receber os verdadeiros prêmios da justiça, sofremos o castigo por um crime não cometido. (BOÉCIO, 1998, p.14).

Boécio, em meio a sua angústia, tenta descobrir onde está o erro cometido por ele e questiona o porquê dele ser submetido a esta situação de cárcere. A Filosofia, por sua vez, aponta onde estava o erro cometido por ele: estava no “esquecimento”. Tal esquecimento é referido quando se tenta explicar o real motivo de seu sofrimento. Isto significa que durante a vida que o filósofo teve ele foi submetido a grandes momentos de prazeres e de sentimentos que, ao longo de sua vida, proporcionariam um esquecimento de como é a felicidade, de como podemos encontrá-la e, principalmente, como devemos agir quando a mesma já está em nós. Muitas vezes somos submetidos a muitas situações que nos obrigam a deixarmos de lado algumas coisas para darmos maior atenção a outras. Esse fato nos possibilita tal esquecimento a que a Filosofia se

refere em seu diálogo com este pensador em busca de uma solução para seu sofrimento. Desse modo, afirma Sangalli:

Nesse ponto, a Filosofia indica que seu erro foi ter esquecido tal qual alguém que está fraco e doente, qual é o verdadeiro fim do homem e, assim, estimula o seu discípulo Boécio a falar e a recordar a origem e natureza de seu mal. Ela o consola, citando exemplos de outros discípulos (filósofos) que também sofreram injustiças e receitando conselhos estoicos para os seus males. (SANGALLI, 2014, p.73).

Aceitar tal condição humana e ser feliz nos remete ao ato de voltar-se para a interioridade, algo válido ainda hoje. Buscar na alma a felicidade, e não exclusivamente nas coisas exteriores procuradas pela grande maioria dos seres humanos é o que sugere Boécio. Sendo assim, ele se considera satisfeito e completo por se lembrar do autêntico caminho para se chegar à verdadeira felicidade. Ele encontra na Filosofia o seu consolo pelo simples fato da mesma conseguir demonstrar que é possível encontrar a felicidade em si mesmo.

HADOT E A FELICIDADE VERDADEIRA

Pierre Hadot também adota a Filosofia como um modo de vida. Ele enxerga que é possível uma vivência saudável, sem qualquer tipo de complicações, mediante ao que pode ser oferecido pela Filosofia. Nesta perspectiva, este pensador francês toma a iniciativa de descrever tudo o que tem passado durante a sua vida, todas as suas experiências adquiridas ao longo de todos os trabalhos realizados e, principalmente, todos os seus sentimentos que brotaram de uma longa caminhada como pensador e pessoa. Essas experiências, que o levaram a uma verdadeira felicidade, são encontradas ao longo de suas obras escritas durante o seu período de grande referência como escritor, pensador e filósofo. Para essa teoria deu-se o nome de “Sentimento Oceânico”.

O Sentimento Oceânico consiste nas experiências que Hadot teve durante a sua vida. Essas experiências podem ser encontradas em diversas obras deste filósofo que, ao longo de sua vida, teve os sentimentos e experiências adquiridas pela vivência cotidiana. O principal objetivo desta teoria é proporcionar um bem-estar com relação a tudo que está a sua volta, desenvolvendo uma experiência de tranquilidade e uma maneira melhor de saber lidar com as situações que o afetam.

Hadot inicia uma fase em sua vida em que faz uma ligação com a Igreja católica. Nesta ligação ele dá início ao processo para uma vida religiosa seguida de muitos estudos e regras. Porém, assim como Boécio, Hadot também se vê “preso” em um mundo que o privava de sua liberdade e de uma felicidade verdadeira. Para alcançar a verdadeira felicidade ele decide deixar a vida religiosa no momento próximo a professar os votos religiosos; ao se libertar destas indecisões, encontra na vida intelectual uma liberdade enriquecedora que o fez sentir-se bem e encontrar na Filosofia o que ainda não havia encontrado: “A Verdadeira Felicidade”.

Filósofo de formação cristã, profundamente marcado pelo existencialismo e pela fenomenologia, convertido desde cedo à disciplina exigente da história e da filologia (leitura de manuscritos, edição, tradução, comentário), latinista e helenista, Pierre Hadot permanecerá para nós um modelo de rigor intelectual: a filologia constrói o alicerce sobre o qual a reflexão filosófica, de modo algum travada ou atrasada pela erudição, mas sustentada verdadeiramente por ela, pode se desenvolver. (HOFFMANN, 2016, p.306-307).

Com o auxílio da Filosofia, pôde se dedicar em pesquisas e pensadores famosos que naquela época estavam influenciando seus estudos. É graças a esta Filosofia que Hadot pôde experimentar diversos sentimentos e experiências que a vida, até então, ainda não havia lhe proporcionado.

[...] todos podem atingir a felicidade, mas esta experiência não será galgada da mesma forma pelos indivíduos que se dedicam ao cuidado de si e, por conseguinte, não desembocará em uma significação universal da alegria ou da serenidade. A felicidade é uma construção que se vincula à elaboração ética do si mesmo e à resistência política do indivíduo que, ao subverter os códigos morais e transgredir as instituições sociais, vivencia outra forma de prazer, ou seja, um prazer que se constituía como uma experiência até então impossível ou inacreditável. Logo, [...] a felicidade não estaria atrelada à esperança em um mundo transcendente, mas à urgência em transformar, na imanência, este mundo. (STEPHAN, 2015, p.137-138)

Estes sentimentos que encontramos em suas obras e escritos damos o nome de Sentimento Oceânico, que com a ajuda de grandes nomes da época e muitos estudos, conceitua os seus “Exercícios Espirituais”. Os Exercícios Espirituais se relacionam com a Filosofia Antiga que Hadot coloca em diálogo com a contemporaneidade. O filósofo entende que a Filosofia pode nos proporcionar um modo de vida e que, ao segui-la,

poderemos encontrar a verdadeira felicidade. A Filosofia é vista não como um sistema, mas como um modo de vida, que segundo as pesquisas realizadas por este autor, nos apresenta uma linha de pensamento que podemos aplicar em diversas correntes da Filosofia Antiga.

Hadot enxerga que o pensar na antiguidade grega foi fundamentalmente um Exercício Espiritual, pois o mesmo permite mudanças no sujeito em relação ao modo de conceber as coisas e, principalmente, no modo de agir. Portanto, fica claro que esses exercícios não se tratam apenas de pensamento, mas de uma atividade que está além desse processo. Como mesmo afirma Hadot:

De fato, esses exercícios [...] correspondem a uma transformação da visão do mundo e a uma metamorfose da personalidade. A palavra “espiritual” permite fazer entender que esses exercícios são a obra não somente do pensamento, mas de todo o psiquismo do indivíduo que se eleva à vida do Espírito objetivo, isto é, se recoloca na perspectiva do Todo (“eternizar-se ao se superar”). (HADOT, 2014, p.20).

Sendo assim, com essas experiências relatadas por Hadot, podemos perceber o quão importante se torna a Filosofia em nossa vida. Da mesma maneira que ele sentiu as experiências como algo importante para a sua vida, assim também ele nos mostra que é possível sermos felizes com o auxílio da Filosofia, onde a mesma, com a ajuda dos Exercícios Espirituais, pode se transformar em um modo de vida.

Para Hadot, a Filosofia surge de uma experiência vivida onde os discursos filosóficos dos antigos são “Exercícios Espirituais” que não visam informar, mas sim formar e transformar a nós mesmos. Nesta perspectiva, o “Sentimento Oceânico” nos ajuda na compreensão da morte, pois se filosofar é praticar a morte, praticar a morte deve ser entendido como uma maneira de praticar a vida em plena lucidez, desprendendo-se de si mesmo.

Da mesma maneira que os sentimentos que Hadot adquiriu ao longo de sua vida, ele usa de exemplo para que também nós possamos encontrar na Filosofia uma eterna alegria. Toda a sua história de vida relatada em suas obras, servem de referência para nós até mesmo nos dias de hoje. O Sentimento Oceânico deve ser vivido por cada indivíduo da contemporaneidade, pois se temos a certeza de uma vida saudável, logo teremos a felicidade como algo que fará parte de nossa vida.

A FELICIDADE COMO UMA EXPERIÊNCIA OCEÂNICA

Quando Severino Boécio desenvolve um diálogo com a Filosofia, ele realiza uma experiência mística que pode ser entendida como “Sentimento Oceânico”. Partimos do pressuposto, que o diálogo de Boécio com a “dama” Filosofia, serviu para ele tomar consciência de si mesmo, resolver seus conflitos pessoais e preparar-se para a morte iminente. A fixação de Boécio em demonstrar onde não está a felicidade, é o resultado do encontro com o essencial, que é a vida ordinária.

Ao pensar sobre a palavra felicidade, ou falar nela, imediatamente a associamos à condição existencial humana e a algo que muito desejamos. Por ela, elaboramos teorias, tomamos decisões, agimos e fazemos coisas individual e coletivamente. Podemos pensá-la perguntando o que é, ou o que não é. (SANGALLI, 2014, p.65).

Neste sentido, caímos muitas vezes no erro de achar que tudo que fazemos ou sentimos se trata de felicidade. É graças à Filosofia que podemos perceber o que de fato pode nos tornar felizes. Muitas vezes achamos que a felicidade está somente na honra, na riqueza e no poder, contudo entendemos melhor que isso apenas proporciona momentos de prazer que, por sua vez, não podemos tomar como a verdadeira felicidade ou o sumo bem. Nas palavras de Sangalli:

Mais sereno frente à sua condição, ouve a argumentação da Filosofia, que pretende consolá-lo e leva-lo a perceber o que seja a verdadeira felicidade, através da demonstração da incapacidade dos bens externos, das coisas temporais, como condições para satisfazer o desejo da alma humana. A argumentação desenvolvida é pela via negativa, que vai da prosa 3 até o poema 16, do Livro III, seguindo, assim, o método de exclusão usado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*. Com isso, aponta aquilo que a felicidade não é, embora facilmente possa ser atestado, ainda hoje, que isso seja tomado, pela maioria dos homens, como se fosse a verdadeira felicidade. (SANGALLI, 2014, p.75).

A partir do momento que entendemos que a felicidade verdadeira se encontra em situações simples do nosso dia a dia, temos a certeza de que os Exercícios Espirituais que Hadot nos apresenta fazem parte dessa vida. A ligação entre ambas as teorias apresentadas pelos filósofos está na construção da certeza de que o homem pode realizar as pequenas coisas com a dedicação devida, enxergando os verdadeiros bens e diferenciando dos falsos bens. A Filosofia tem a autonomia de nos mostrar o lado

negativo dos falsos bens, ficando claro que todos os bens exteriores não tornam o homem feliz, mas pelo contrário causam angústia, dúvida e peso para si mesmo.

Com a experiência de Hadot entendemos que, a partir do momento em que vivemos o Sentimento Oceânico e praticamos os Exercícios Espirituais, conseguiremos superar todas as barreiras e dificuldades em encontrar a felicidade. A verdade está na vivência sadia de todos os momentos de nossa vida; somente com a ajuda da Filosofia podemos chegar à solução dos nossos problemas criando pensamentos que nos ajudam no encontro da verdadeira felicidade.

Portanto, os exercícios são feitos pacientemente: “a medida de discussões como essas é a vida inteira, para pessoas sensatas”. O que conta não é a solução de um problema particular, mas o caminho percorrido para chegar a ela, caminho no qual o interlocutor, o discípulo, o leitor formam seu pensamento, tornam-no mais apto para descobrir por si mesmo a verdade. “O diálogo quer antes formar que informar”. (HADOT, 2014, p.42).

A felicidade só pode ser vista como o Sentimento Oceânico a partir do momento em que passamos a perceber que ser feliz não está em coisas extremas ou utópicas, mas em coisas pequenas que no nosso modo de viver não damos muita importância. Porém, ao observá-las de maneira mais detalhada e profunda, podemos encontrar a riqueza contida em cada uma delas. Somos felizes a partir do momento que paramos e interiorizamos experiências simples que vivemos ou adquirimos com o passar dos anos em nossa própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Boécio, para poder chegar ao Bem Supremo, que é o princípio, o sustentáculo, o guia e o fim, se faz necessário trilhar o caminho não mais das coisas exteriores, materiais, as quais são instáveis, mas o caminho da alma humana. Não pode ser o mero renunciar às verdades do mundo exterior, como na postura cética antiga, mas, além de isolar-se das coisas materiais, é necessário voltar-se para dentro de si próprio, no seu interior, e ficar a sós, porém com Deus.

A leitura de sua obra e dos autores relacionados neste estudo nos permite entender que o ponto que os aproximam é o conceito de felicidade intimamente relacionado ao conhecimento, ou seja, à Filosofia. Outra questão comum discutida é

sobre a ideia equivocada de que bens materiais, consumo e satisfação de necessidades sejam sinônimos de felicidade, ou que contenham a felicidade.

Portanto, conhecendo o Sumo Bem e sabendo aonde e como chegar até ele, isto é, aprender a “cuidar” de si mesmo, o homem encontra-se em condições de ser feliz, de voltar para a sua verdadeira realidade e origem. Tudo o que a Filosofia ensina a Boécio não é novidade para ele, uma vez que a sua memória armazenava o conhecimento e a sabedoria aprendidos, desde a infância, sobre como viver uma vida verdadeiramente ética.

Nesse sentido, entendemos que a Filosofia existe para que o homem possa viver melhor. Por meio dela é possível aprender a aliviar sofrimentos, a enfrentar melhor os problemas e aflições, inclusive a morte. Com a Filosofia podemos nos engajar na busca pela felicidade, conforme Boécio nos garante essa possibilidade.

Em Hadot a felicidade é possível a partir do momento em que o homem está disposto a busca-la como um grande ideal para a sua vida. Basta estarmos abertos aos sentimentos que somos submetidos nas coisas cotidianas e ordinárias que passamos em nosso dia a dia. As experiências que adquirimos nos mostram que é possível passarmos por elas sem a necessidade de sofrimento. O Sentimento Oceânico nos ajuda com essa perspectiva de vida a partir do momento que tomamos como regra em nossa vida. Os exemplos que Hadot descreve em suas obras nos mostram que a felicidade não é algo muito difícil de obter, a sua prática é algo muito simples partindo do pressuposto de uma percepção de sua existência.

Seus comentadores trazem um estudo aprofundado nos mostrando que a prática do Sentimento Oceânico nos remete aos Exercícios Espirituais, que são teorizados como regras de vida. Submetendo-se à mudança, seja no modo de pensar como também no modo de agir com relação ao que se encontra em nossa volta, faz parte de um fruto meditativo que, segundo a Filosofia, passamos a ter quando estamos em busca da felicidade que nos completa como um Bem Supremo. Para ambos os filósofos, a busca pela felicidade verdadeira consiste em uma qualidade de vida que devemos ter; é graças a Filosofia que podemos ter essa percepção seja ela em nossa vida cotidiana, como também nos sentimentos e experiências que adquirimos ao longo de nossa história.

REFERÊNCIAS

BOÉCIO, Severino. A Consolação da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COELHO, Cleber Duarte. **Boécio leitor de Aristóteles: Uma ética Eudaimonista**, 2009. Disponível em: <www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/download/814/317.htm>. Acesso em: 13 de Setembro de 2017.

EINAUDI. **Pierre Hadot, Filosofia como um modo de vida**, 2008. Disponível em: <<http://www.syzetesis.it/Recensioni2008/lafilosofiacomemododivivere.htm>>. Acesso em: 22 de Agosto de 2018.

HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. 1ª Edição. São Paulo: É Realizações, 2014.

HOFFMANN, Philippe. **Pierre Hadot (1922-2010), In memoriam**, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/download/20012/14202.htm>>. Acesso em: 21 de Agosto de 2018.

NASCIMENTO, Marlo. **Boécio e a Consolação da Filosofia: Considerações acerca da Virtude**, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/20531.htm>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2017.

SAGALLI, Idalgo José. **A conquista da Felicidade via Filosofia: O exemplo de Boécio**, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732014000300008&lang=pt.htm>. Acesso em: 14 de Setembro de 2017.

STEPHAN, Cassiana Lopes. **Michel Foucault E Pierre Hadot: Um Diálogo Contemporâneo Sobre a Concepção Estoica do Si Mesmo**, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/41866/R%20-%20D%20-%20CASSIANA%20LOPES%20STEPHAN.pdf?sequence=1&isAllowed=y.htm>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2018.